



Sheila Freire da Silva

**O IMPACTO DA CULTURA E DA
VARIEDADE LINGUÍSTICA EM LIVROS
DIDÁTICOS**

Lavras – MG

2021

Sheila Freire da Silva

**O IMPACTO DA CULTURA E DA VARIEDADE
LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Márcio Oliveira Cano

Lavras – MG

2021

Resumo

Este trabalho tem como tema uma análise sobre o impacto da cultura e da variedade linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa, utilizados no Ensino Fundamental, anos finais. O objetivo foi verificar a abordagem e as atividades relacionadas à diversidade cultural e à variedade linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental dos Anos Finais. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de base qualitativa, tendo como método consulta e análise do Guia Digital de Livros Didáticos PNLD (PNLD, 2020), em que foi analisado um exemplar de cada coleção. Além dos livros didáticos, foram consultados autores como Bagno (2007), Candau (2003), Molicca; Braga (2010), dentre outros. A relevância deste estudo está na constatação de que as pessoas crescem e se desenvolvem imersos em ambiente múltiplo, diverso, com manifestações de culturas e modos de falar variados. Assim, essa diversidade precisa estar presente nas salas de aula, sendo valorizada e respeitada em todas as suas manifestações. A escola é determinante para a formação e desenvolvimento da criança ou adolescente, pois tanto pode minimizar as diferenças, proporcionando a todos os alunos uma plena integração na escola e na sociedade, quanto pode intensificar essas diferenças. Verificou-se que nem todas as coleções atendem aos pressupostos sobre a variação linguística da BNCC (2018) e ainda muitas delas deixam de abordar em seus textos e atividades à diversidade cultural.

Palavras-chave: Livro Didático. Língua Portuguesa. Cultura. Variação Linguística.

Abstract

This work has as its theme an analysis of the impact of culture and linguistic variety on Portuguese language textbooks used in elementary school, final years. The objective was to verify the approach and activities related to cultural diversity and linguistic variety in Portuguese Language textbooks for the Final Years Elementary School. The methodology used was the bibliographical research of qualitative basis, having as a method of consultation and analysis of the Digital Textbook Guide PNLD (PNLD, 2020), in which one copy of each collection was analyzed. In addition to textbooks, authors such as Bagno (2007), Candau (2003), Molicca; Braga (2010), among others. The relevance of this study lies in the observation that people grow and develop immersed in a multiple, diverse environment, with manifestations of different cultures and ways of speaking. Thus, this diversity needs to be present in the classroom, being valued and respected in all its manifestations. The school is crucial for the formation and development of the child or adolescent, as it can either minimize differences, providing all students with full integration in school and society, as it can intensify these differences. It was found that not all collections meet the assumptions about linguistic variation of the BNCC (2018) and still many of them fail to address cultural diversity in their texts and activities.

Keywords: Textbook. Portuguese language. Culture. Linguistic variation.

Sumário

Introdução	6
1 CULTURA, DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA....	8
1.1 Cultura	8
1.2 Diversidade	11
1.3 Variação linguística	14
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO	19
3 METODOLOGIA	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	26
4.1 Análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa - 2020.....	26
4.1.1 Características gerais	26
4.1.2 Análise quanto ao tratamento da cultura e da variedade linguística em cada coleção Coleção Tecendo Linguagens – 7º ano	28
4.1.3 Análise do impacto da cultura e da variação linguística nos livros didáticos.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

Introdução

Os livros didáticos fazem parte da rotina escolar de estudantes e professores, sendo um importante material utilizado nas aulas. Mesmo que se utilizem outros recursos, a maior parte do trabalho docente é focado em seus textos e atividades. É preciso que os professores se atentem ao seu conteúdo, utilizando diferentes parâmetros para sua análise.

Esse trabalho de pesquisa partiu do objetivo de verificar o tratamento da cultura e da variedade linguística, nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental dos Anos Finais. De acordo com o Guia Digital de Livros Didáticos – Língua Portuguesa (PNLD, 2020), um dos critérios de avaliação para a escolha dos livros era representar a diversidade cultural, social, histórica e econômica do país. Dessa forma, buscou-se analisar como foram tratadas as questões relacionadas à cultura e à variedade linguística nas coleções aprovadas pelo PNLD.

Segundo Cano (2006), a utilização de livros didáticos nas escolas do país é assunto muito comentado, criticado, mas continua sendo o principal material didático para as aulas da imensa maioria de professores das redes públicas e privadas. Portanto, a análise desse material é sempre válida, buscando observar, de forma criteriosa, se houve avanços, quais foram e o que precisa ser melhorado.

Quanto aos livros didáticos de Língua Portuguesa, parte-se, também, da constatação de que o estudo da língua precisa considerar que esta se efetiva em situações reais de comunicação, que se modificam conforme o período histórico e o contexto social.

Atualmente, os novos gêneros digitais ou tecnológicos, que fazem parte da cultura digital, precisam estar presentes na sala de aula.

O entendimento sobre a multiplicidade cultural e a intercultura, bem como o respeito às variedades linguísticas, possuem importância na formação do cidadão. Cada aluno leva para a escola sua cultura, seu jeito de ser, o que compõe a diversidade presente nas salas de aula.

A escolha dos livros e dos materiais didáticos que compõem o Guia do PNL D é realizada depois de minucioso processo de avaliação coordenado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. Após publicação do edital de convocação destinado aos editores, juntamente com a divulgação dos critérios de aprovação e classificação das obras didáticas, estas são analisadas e selecionadas em grupos para que o professor possa ter opções de escolha do livro adotado. Portanto, são duas etapas de escolha: uma realizada a nível nacional por equipe qualificada de professores das respectivas disciplinas escolares da educação Básica e Superior, que é constituída pelo MEC; e outra etapa, é a escolha entre os previamente selecionados, do livro didático que será adotado pela escola.

O trabalho foi estruturado em capítulos que abordam o referencial teórico encontrado em publicações sobre o tema, sendo os capítulos intitulados “Cultura, diversidade e variação linguística” e “Considerações sobre o livro didático”. A seguir às análises e discussões sobre os dados encontrados nos livros didáticos, e às considerações finais.

Referencial teórico

1 CULTURA, DIVERSIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

1.1 Cultura

A ligação entre cultura e educação é bastante estreita, não se podendo afirmar que exista apenas uma, mas várias culturas, devido à variedade de classes sociais, religiões e diferentes grupos humanos. A definição de cultura se torna particularmente difícil de ser feita, pois existem vários pontos de vista, muitas perspectivas pelas quais pode ser abordada. É um conceito eclético, que abrange interpretações acadêmicas, políticas e sociais.

Apesar de existirem muitas perspectivas para se entender e definir a cultura, neste trabalho adota-se a linha seguida por Chicarino, de que a cultura é “(...) o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou um grupo social” (CHICARINO, 2017, p. 31).

Por esta definição, percebe-se que a cultura vai além das artes e das letras, envolvendo também os modos de viver em um determinado grupo social, os pactos aí envolvidos, que definem os valores, crenças, tradições e regras. A língua, como parte integrante da cultura, é entendida dessa forma, como sendo muito mais que um sistema de comunicação, já que incorpora todos os itens anteriormente citados. É através dela que a tradição cultural é transmitida, assim como as vivências, os conhecimentos e as tradições.

Por este pensamento, se percebe que cultura e educação estão em ligação estreita, pois a formação de um cidadão crítico e

participativo envolve também a ideia do reconhecimento da multiculturalidade social e do respeito à diversidade existente na escola.

Conforme Bourdieu (1996, p. 64): "a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última [...] uma não pode ser pensada sem a outra".

De acordo com Cano (2006), não se deve pautar o ensino da Língua Portuguesa apenas por meio de textos advindos do discurso literário, como era normal há tempos. Antes, os professores entendiam que a aprendizagem, tanto da leitura quanto da escrita, somente poderia ocorrer por meio do contato quase diário do aluno com obras literárias consagradas da cultura brasileira, considerados como modelos de perfeição na escrita. Por este pensamento, o aluno leitor-escritor ideal seria aquele que possuísse gosto erudito, voltado para o discurso dos "clássicos literários". Com o passar dos tempos, constatou-se, com as inovações na área da leitura e da produção textual, de que forma ocorrem os processos comunicativos, as interações, a importância da oralidade, os atos de fala, a argumentatividade implícita no texto, as variantes linguísticas, etc., o que fez com que professores reelaborassem sua concepção de texto, de aluno e de aprendizado. Atualmente, volta-se o foco também para as diferentes culturas como forma de expressão e comunicação, utilizando variados gêneros do discurso, tanto orais como escritos, dentro de várias outras práticas discursivas, além do discurso literário.

Isso demonstra que a grande diversidade presente na sociedade, portanto, se apresenta também na escola. Por este ponto de vista, a sala de aula é entendida como uma pequena amostra de convivência entre diferentes culturas, que será expandida e praticada na realidade social, no convívio com o outro. Os alunos influenciam e são, por sua vez,

influenciados pela troca de saberes entre colegas e demais trabalhadores na educação, em que todos, alunos e profissionais, ganham neste processo de troca (DELORS, 1999).

Segundo Candau:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (CANDAU, p. 160, 2003).

A educação é multicultural devido ao fato de abrigar múltiplas culturas, e pode ser intercultural, caso haja diálogo, troca e aprendizado entre elas. Dessa forma, a educação escolar deve focar na formação de pessoas, mais do que nos processos de informação, partindo de um enfoque intercultural. O interculturalismo se constitui de uma maneira de intervir enfatizando o valor das relações e interações na coexistência de culturas no mesmo âmbito geográfico e social. Trata-se de uma proposta ao mesmo tempo arrojada, crítica e inclusiva, de contemplar as diferenças na comunidade (CHICARINO, 2017).

A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento de caráter normativo e que traz os conhecimentos, habilidades e competências de cada disciplina da educação básica, e ainda define as áreas do conhecimento que devem integrar os currículos e propostas pedagógicas de escolas públicas e particulares da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Na abordagem sobre as competências gerais da educação básica, especificamente na competência 3, o documento orienta sobre a importância da Cultura, enquanto a competência 5 aborda os meios digitais também como forma de cultura:

Competência 3.- Repertório cultural: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

(...)

Competência 5. Cultura digital: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 9).

Assim, percebe-se que a educação e a diversidade cultural possuem grande importância no exercício pedagógico. A cultura deve ser compreendida e trabalhada como diversa e plural, pois ela dá sentido e orienta a existência aos seres enquanto sujeitos sociais, que possuem identidades construídas ao longo da existência, e com a finalidade de enxergar o outro através da cultura (FREITAS, 2012).

1.2 Diversidade

De acordo com Ferreira (2004, p. 485), a palavra diversidade deriva do latim *diversitate* e significa: “Característica ou estado do que é diverso, diferente, diversificado; não semelhante; conjunto diverso, múltiplo, composto por variadas coisas ou pessoas; multiplicidade; divergência, contradição”.

Não se deve perder de vista que a perspectiva comparativa é que permite conhecer o outro. Aquilo que é diferente pode ser visto por dois ângulos: destituindo o outro de razão, ou buscando razões para entendê-lo, em comparação a si mesmo. A compreensão do diferente representa

um movimento qualitativo na relação com a alteridade. Esta, por sua vez, diz respeito ao que é muito diferente, sendo contrário à identidade; é saber lidar com a diferença e tratá-la com a mesma dignidade que se exige para si (FREITAS, 2012).

Seguindo a perspectiva do supracitado autor, entende-se que o apego a uma única cultura causa cegueira em relação às possibilidades de aprendizagem com o diferente, com a diversidade. E conhecer a própria cultura passa pelo caminho do conhecimento de outras culturas. A compreensão do mundo se faz por meio dos processos decorrentes dos variados contextos culturais, que formam os sujeitos enquanto seres sociais, e informam sobre eles. Dessa forma, a diversidade cultural é entendida por questões de identidade que se amplia, conforme esclarece Munanga:

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc. com os quais ele mantém relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática (MUNANGA, 2003, p. 3).

E uma educação democrática, ante as mudanças ocorridas na sociedade, impõe o desafio de refletir sobre novos campos de ação e buscar soluções na educação para a diversidade cultural. Segundo Chicarino, destacam-se:

(...) a análise da diversidade cultural emergente e sua influência na recomposição social, a relação entre educação e diversidade, a preocupação com o equilíbrio entre o desenvolvimento do pluralismo cultural e a igualdade de oportunidades, a alteridade e violação desta, sem mencionar a própria transformação da sociedade, para cumprir o objetivo de responder adequadamente a essas exigências. Tudo isso obriga, ao menos, a

reconstrução das abordagens da diversidade, inclusão, respeito, ensino e aprendizagem no âmbito da educação (CHICARINO, 2017, p. 53).

É preciso a compreensão de que a cultura de um grupo social ou de um único indivíduo pertencente a ele, encontra na alteridade o sentido das diferenças. Não se podem perpetuar as relações hierárquicas de poder, naturalizando as expressões de preconceito contra grupos marginalizados, e sempre fugir de padrões e modelos que privilegiam determinada cultura em detrimento de outra. A escola é o lugar por excelência em que todos poderão adquirir suas habilidades, se desenvolver e o professor precisa possibilitar que isto aconteça, criando e propondo atividades que lhes permitam interação social. Para Palma e Cano:

Não formamos apenas pessoas que conhecem o mundo, mas que tomam posicionamento diante dele e agem sobre ele. Tudo isso construído no interior de um movimento de interação que pressupõe o outro. Conhecer o mundo é ter acesso à cultura, à ciência, à religião e às suas respectivas histórias, porém, só ter acesso faz o indivíduo, no máximo, descrever o mundo, no entanto, ao construir sentidos para esse mundo, ele assume um posicionamento e se engaja nele. Tomar posicionamento é ter opinião, ter um ponto de vista, criar hipóteses, e isso só ocorre se existe o outro sobre o qual agimos a fim de sustentar a nossa opinião, convencendo-o ou persuadindo-o e, ainda, acima de tudo, ouvindo-o (PALMA; CANO, 2012, p. 103).

A diversidade cultural, presente nas diferentes comunidades, também impõe à língua nativa suas marcas. A língua se constituiria, dessa forma, de um conjunto heterogêneo e diversificado, marcado ainda pela influência histórica, social, e política, que determinam o comportamento linguístico de seus membros. A variação linguística se torna inerente a toda e qualquer língua viva do mundo, variando

conforme o tempo, o espaço geográfico e social, e também de acordo com a situação em que o falante se encontra (COSTA, 1996).

Segundo a BNCC, a disciplina de Língua Portuguesa deve:

(...) proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BNCC, 2017, p. 67-68).

Tal objetivo demonstra a preocupação do documento com a formação integral do aluno, considerado em toda sua complexidade e com respeito à diversidade presente nas salas de aulas, contemplando não apenas seu desenvolvimento intelectual, mas também afetivo e social. Os processos educacionais devem promover aprendizagem significativa, que identifique as necessidades de cada aluno, amplie suas potencialidades e respeite seus interesses.

1.3 Variação linguística

As questões linguísticas também fazem parte da cultura, sendo que estes não devem ser fatores de barreira e de exclusão social. A simples apropriação da cultura letrada e a utilização de recursos linguísticos não servem para definir o espaço que os indivíduos ocupam na escala social (MOLICCA; BRAGA, 2010).

Denomina-se variação linguística ao fenômeno natural das diferenças em uma língua em seus elementos constitutivos, como vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe. Explica-se tal fenômeno pelo fato de que as línguas são dinâmicas e influenciáveis por fatores

variados, como o gênero, a profissão, a região geográfica, a idade, a classe social do falante, dentre outros (SOUSA FILHO, 2020).

O relativismo cultural é a premissa adotada na Linguística, pela qual se entende que uma manifestação cultural prestigiada na sociedade não lhe confere valor de superioridade. E a realidade da variação é facilmente observada, já que a língua de uma comunidade é utilizada por falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a classes socioeconômicas variadas, que desenvolvem profissões e atividades diversas. Essas diferenças sociais ou externas vão impor diferenças na maneira das pessoas se expressarem (COSTA, 1996).

Dessa forma, compreende-se que a variação linguística precisa ser respeitada também no ambiente da sala de aula, pois se constitui de fenômeno universal, contínuo, gradual e dinâmico, que sinaliza a existência de formas linguísticas denominadas variantes. O emprego dessas variantes pelas comunidades falantes não é aleatório, mas influenciado por grupo de fatores de natureza social ou estrutural, de natureza externa ou interna à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência (MOLICCA; BRAGA, 2010).

É preciso entender que qualquer língua representa um conjunto diversificado e plural, já que surge nos agrupamentos sociais que acumulam o legado de experiências no tempo e no espaço, com variações políticas e culturais que são únicas, e estas influenciam diretamente no comportamento linguístico de seus falantes:

Em vista disso, há de se compreender e trabalhar a variedade da língua não apenas dizendo que aquilo que é contrário à norma padrão é variação linguística e, que, por isso mesmo, é uma incorreção no uso da língua. O conceito de variação é muito mais amplo e engloba diversos fatores linguísticos e os extralinguísticos, tais

como gênero, escolaridade, faixa etária, classe social, atividade profissional, região geográfica (SOUSA FOLHO; MOURA, 2020, p. 80).

Os estudos sociolinguísticos se dedicam a entender a estigmatização e mobilidade social relacionados ao preconceito linguístico, combatendo as práticas pedagógicas assentadas em diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado. Os falantes da língua, primeiro adquirem as variantes informais e, em um processo sistemático e paulatino, irão se apropriar de estilos e gêneros mais formais, aproximando-se das variedades cultas e da tradição literária (MOLICCA; BRAGA, 2010).

De acordo com Bagno:

As pessoas que vivem em sociedade com uma longa tradição escrita, com uma história literária de muitos séculos e um sistema educacional organizado se acostumaram a ter uma ideia de língua muito influenciada por todas essas instituições. Para elas só merece o nome de língua um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram cuidadosamente selecionadas para compor o que vamos chamar de norma padrão, isto é, modelo de língua “certa”, de “bem falar” que, nessas sociedades, constitui uma espécie de tesouro nacional, de patrimônio cultural que, assim como as florestas, os rios, a flora, a fauna e os monumentos arquitetônicos, precisaria ser preservado da ruína e da extinção (BAGNO, 2007, p.35).

O grande problema do ensino de Língua Portuguesa é considerar apenas norma padrão, ignorando as diversas variedades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96, afirma, no artigo 32, que o ensino fundamental na escola pública é gratuito e obrigatório, que tem duração mínima de nove anos e possui como objetivo a formação básica do cidadão. Nesse sentido, o ensino fundamental deve ter em vista não só a aquisição de conhecimentos,

habilidades, mas também a formação de atitudes e valores (BRASIL, 1996).

Conforme Sousa Filho e Moura:

(...) sobressai a compreensão de que o ensino da variação linguística e a valorização desse tema nas salas de aula caminham para o despertar de habilidades que resultarão na formação de cidadãos conscientes das questões sociais que os envolvem e também críticos em relação a sua própria linguagem, estando esta presente em todos os acontecimentos da vida. Essa noção é libertadora, pois tem a capacidade de emancipar as vozes daqueles que se encontram estigmatizados pelo desconhecimento desse ou daquele registro linguístico (SOUSA FILHO; MOURA, 2020, p. 82)

As diretrizes curriculares apontam que o profissional da educação deve construir um projeto educativo para promover a relação entre pessoas de culturas diferentes. Dessa forma, são necessárias mudanças profundas na prática pedagógica, e a escola deve oferecer oportunidades educativas a todos, criando estratégias de reflexão, respeitando e integrando a diversidade de sujeitos. Diante do exposto, é preciso que a escola adote uma abordagem da linguagem que valorize e explore toda a riqueza expressiva que compõe a língua.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na área de linguagens, elenca dez competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Entre elas, destacam-se:

Competência 1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

(...)

Competência 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos

Competência 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (BRASIL, 2017, p. 87).

Estas considerações sobre a BNCC levam a refletir sobre o currículo que, segundo Candau (2003), também precisa ser democrático, reconhecendo a importância da incorporação de valores das mais diversas tradições, como a afro-brasileira, a indígena, dentre outras, criando espaços para a participação, para cantigas, danças, partilhas de conhecimentos e tradições.

O trabalho de professores e professoras não se limita ao ensino de leitura, escrita, mas, também, ao preparo das crianças para se posicionar na vida e na sociedade. Não basta, por exemplo, o simples respeito da consciência negra, mas do resgate de todas as etnias, cultivando uma educação que se livre de todos os preconceitos e discriminações. Lembrando que a cultura herdada do continente africano, e que, atualmente, se entrelaça nas variadas dimensões do simbolismo brasileiro, são patrimônio de todos, brancos e negros (CANDAU, 2003).

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático pode ser definido como livro-texto ou compêndio. No entanto, seu significado raiz vai além desta simples definição, ele é um livro dedicado à educação, no qual os conteúdos devem seguir as normas exigidas pelos programas escolares (LAJOLO, 1996).

Possui funções ou papéis que podem ser definidos como instrumentais e culturais. A função instrumental se explica pelo fato de armazenar em si o conhecimento acadêmico da disciplina, de forma ordenada, selecionada e elencando estratégias para a aprendizagem destes conhecimentos, em um plano ordenado. Já a função cultural se encontra nas atividades e propostas da oralidade, das tradições locais e internacionais, de fatos históricos que marcam e/ou marcaram determinado período (RANGEL, 2020).

Lopes (2007, p. 208) define livro didático como sendo “uma versão didatizada do conhecimento para fins escolares e/ou com o propósito de formação de valores”. Aqui se entende que ele traz, além do conhecimento acadêmico formalizado, os valores, as marcas identitárias de um povo em determinada época histórica e suas visões de mundo.

Pontua-se que os livros didáticos, apesar de receberem críticas e apresentarem problemas, representam a base da educação no país, e são referência para que se alcance uma unidade quanto aos conteúdos gerais do currículo nacional no país. Segundo Gérard e Roegiers (1998, p.19), o livro didático é como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever em um processo de aprendizagem, com fim de lhe melhorar a eficácia”. Porém, sua utilização pode ser diferenciada de acordo com as situações,

necessidades, condições em que é produzido e utilizado nos mais diversos âmbitos escolares.

Além disso, os textos escolhidos, a proposta pedagógica, as atividades selecionadas para compor o livro didático, refletem o pensamento que se deseja perpetuar nas gerações futuras. Conforme Cano: “Do ponto de vista ideológico, também, explicitou-se a posição que o livro didático toma como a sua, ou seja, quais vozes ele deixa transparecer no seu trabalho e quais vozes são apagadas” (CANO, 2006, p. 44).

Por isso a necessidade de análises e críticas, para que as relações de dominação sejam evitadas, buscando nos livros didáticos a presença das variadas culturas, especialmente daqueles que são marginalizados, das variantes linguísticas desprestigiadas socialmente.

Mesmo com ressalvas, ele ainda é considerado por muitos como um grande aliado no processo de ensino-aprendizagem, e passa a ser um dos principais recursos pedagógicos, por ser uma das principais ferramentas utilizadas pelo docente na sala de aula (TONI; FICANA, 2004).

Santos (2008) afirma que o livro didático foi, e continua sendo, importante suporte de planejamento das aulas da grande maioria das escolas, sendo uma das principais fontes de documentação e consultas, tanto para o professor quanto para o aluno.

As edições dos livros didáticos sofrem mudanças e adaptações, sendo sempre atualizado de acordo com as novas propostas pedagógicas surgidas, incorporando novas teorias de aprendizagem em busca da melhoria da qualidade da educação.

Quanto aos livros didáticos de Língua Portuguesa, o grande problema apontado por Cano, e que deve ser combatido, é a utilização dos textos apenas com finalidade do ensino da gramática:

Essa prática instaura um grande conflito, pois os recursos gramaticais são ligados ao estilo do produtor do enunciado, impulsionado pelo destinatário, pelo gênero, pela posição do enunciador, pelas coerções da esfera social. Por isso, não há como pensar na estrutura composicional e estilo fora desse contexto (CANO, 2006, p. 72).

Dessa forma, é preciso explorar todas as possibilidades de aprendizagem que os textos proporcionam, as múltiplas leituras e interpretações, para que o aluno seja tocado por eles e isso lhe provoque reflexões.

Muitas vezes, os professores ficam presos apenas ao livro didático e deixam de lado possibilidades de trabalho pedagógico com materiais da própria cultura do aluno, da comunidade. É certo que todo o conjunto de objetos como lápis, borracha, caneta, giz, apagador, quadro negro e computadores, fazem parte de uma lista de materiais de aprendizagem, porém, na maioria das vezes, alguns materiais são mais utilizados do que os demais, como é o caso do livro didático (LAJOLO, 1996).

Assim, o livro didático não pode ser uma única fonte de referência de acesso ao conteúdo disciplinar da escola, demonstrando que cabe ao professor buscar outras referências para seu trabalho didático-pedagógico. O livro didático seria o roteiro capaz de ajudar na orientação dos processos do desenvolvimento da personalidade integral dos alunos (NUNEZ et al, 2003).

No Brasil, existe, atualmente, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que faz parte das políticas públicas para educação. Tal programa demonstra a importância atribuída pelas autoridades ao material de suporte para as aulas. A questão do LD não se liga apenas ao conhecimento científico, imparcial e estático, mas relaciona-se a fatores histórico-sociais e culturais (SILVA, 2000).

A influência da cultura pode ser percebida na escolha dos saberes que se consideram importantes de serem trabalhados e apreendidos pelos alunos, de acordo com o que a sociedade produz e espera como resposta a esses conhecimentos. Trata-se de uma relação complexa entre a ciência, a cultura e a didática. Isso possibilita uma diferenciação entre o livro didático os demais livros, pelas seguintes especificações:

Livro de consumo obrigatório, dirigido a um público cativo; 2) tendo um mercado diferente, o livro didático e outros tipos de livro diferem não apenas pelos tipos de público que visam, mas também pelo comportamento dos consumidores; 3) grande tiragem, nunca inferior a 50% do total dos livros produzidos anualmente no Brasil, segundo análises estatísticas sobre o volume de produção editorial (Anuário IBGE); 4) um livro genuinamente nacional pelo menos a partir de uma determinada época da história da produção nacional (LAJOLO, 1996, p. 21 e 22).

O Governo Federal, atualmente, distribui LD a todas as escolas públicas do país, desde as séries iniciais até o Ensino Médio, que são utilizados durante dois anos, quando novas coleções são escolhidas pelos professores e os livros são trocados. Apenas no primeiro ano do Ensino Fundamental é que os livros utilizados são descartáveis, ou seja, os alunos podem usá-los escrevendo, colorindo, colando, recortando, e

não é necessária sua devolução à escola no final do ano letivo (FARIA, 1994).

Para que o LD não se torne primordialmente um negócio lucrativo, ligado apenas a questões mercadológicas, acima dos interesses da qualidade do ensino e de questões pedagógicas, o Governo Federal conta com três programas para o controle da qualidade do livro didático: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Nacional para o Ensino Médio (PNLEM) e o Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA). Tais programas visam aplicar critérios de seleção e análises dos conteúdos dos livros, para que não sejam escolhidos apenas por seu valor enquanto mercadoria (BRASIL, 2010).

Nota-se que o LD possui papel importante no processo de ensino aprendizagem, especialmente nas escolas públicas brasileiras, pois promove a democratização do acesso ao ensino, e otimizam as aulas, pois nem sempre os professores possuem tempo para preparar suas aulas nem condições de buscar variadas fontes de pesquisa e trabalho pedagógico para trabalhar em sala de aula.

Neste ano de 2020, que coincide com a mudança trienal dos livros didáticos, estes precisam estar adequados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que está em fase de implantação. Este novo documento contemplou em suas orientações uma variedade de direitos e princípios constitucionais direcionados à educação escolar, como, por exemplo, a busca da igualdade e da equidade. Destaca-se:

A BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames

nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base (BRASIL, 2017, p. 5).

A análise e reflexões sobre o LD são importantes para que se busquem melhorias e soluções aos problemas apresentados. Aponta-se que existem muitas críticas em relação ao mesmo como, por exemplo, o modo como estrutura e cristaliza os currículos, tornando homogêneas as práticas e rotinas das aulas, o que limita o protagonismo dos professores. Outro ponto que merece reflexão é o privilégio da norma culta e da escrita, em detrimento da variedade linguística, e colocando a linguagem oral em segundo plano (RANGEL, 2020).

3 METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos propostos neste trabalho optou-se por pesquisa bibliográfica, com metodologia qualitativa. Para construção do referencial teórico foram feitas buscas em livros e publicações, tendo como base os descritores Livro Didático, Língua Portuguesa, Cultura e Variação Linguística.

Para análise dos livros didáticos foi consultado o Guia Digital de Livros Didáticos – Língua Portuguesa Ensino Fundamental Anos Finais (PNLD, 2020), que já contemplou obras atualizadas de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, além de pesquisas em livros e estudos acadêmicos sobre o tema.

Para maior aprofundamento utilizou-se a pesquisa documental, em que foram analisados um exemplar de cada coleção escolhida pela banca avaliadora do PNLD, como segue: Coleção Tecendo Linguagens – 7º ano; Coleção Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem – 8º ano; Coleção Geração Alpha Língua Portuguesa – 7º ano; Coleção Apoema Português – 7º ano; Coleção Português: conexão e uso – 6º ano; Coleção Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem – 8º ano e Coleção Apoema, - 7º ano.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa - 2020

4.1.1 Características gerais

A BNCC orienta, na disciplina Língua Portuguesa, quais as habilidades específicas para cada ano do Ensino Fundamental Anos Finais, que por sua vez, se relacionam a diferentes objetos de conhecimento. Segundo o documento, o aluno deve desenvolver as práticas de linguagem (leitura, produção textual, oralidade e prática de análise linguística/semiótica) voltada para diferentes campos da atuação humana: artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e da vida pública (BRASIL, 2017).

Dessa forma, os livros didáticos precisam contemplar as práticas de linguagem do universo infanto-juvenil e, concomitantemente, buscar a ampliação dos domínios públicos dessas mesmas práticas, dando conta dos diversos letramentos, incluindo-se aqui, o acesso ao patrimônio cultural da humanidade, em toda sua diversidade e pluralidade (PNLD, 2020).

A introdução à disciplina Língua Portuguesa na BNCC, quanto a Educação Básica, reconhece a língua como sendo dinâmica, e concebida sob o contexto sociocultural na qual se insere. O documento busca pontuar a necessidade do trabalho com a cultura e a variedade linguística, assegurando tal premissa como um direito de aprendizagem do aluno (BRASIL, 2017).

O programa selecionou, para este ano de 2020, seis coleções de Língua Portuguesa Anos Finais do Ensino Fundamental, enviadas às

escolas para análise dos professores. A tabela 1, a seguir, apresenta os títulos das coleções, com seus respectivos autores e editora.

Tabela 1: Coleções aprovadas e adquiridas pelo PNLD – 2020:

Título da coleção	Autores	Editora	Ano da edição
1. Tecendo Linguagens	Lucy Aparecida Melo Araujo	IBEP	2018
2. Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem	Wilton de Souza Ormundo, Cristiane Escolastico Siniscalchi	Moderna	2018
3. Geração Alpha Língua Portuguesa	Cibele Lopresti Costa, Greta Nascimento Marchetti, Andressa Munique Paiva	SM	2018
4. Apoema Português	Lucia Teixeira de Siqueira e Oliveira, Karla Cristina de Araujo Faria, Silvia Maria de Sousa, Nadja Pattresi de Souza e Silva	Editora do Brasil	2018
5. Português: conexão e uso	Dileta Antonieta Delmanto Franklin de Matos, Laiz Barbosa de Carvalho	Saraiva	2018
6. Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem	Shirley Goulart de Oliveira Garcia Jurado, Marisa Balthasar Soares	Moderna	2018

Fonte: Informações obtidas no site:

<<https://www.fn.de.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/escolha-pnld-2020>>. Acesso em Nov de 2020.

Todas as coleções são compostas por 4 volumes do Livro do Estudante, específicos para os alunos 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, acompanhados dos respectivos Manuais do Professor,

impresso e digital. Possuem, ainda, Material Audiovisual, com vídeos para subsidiar o trabalho pedagógico, especialmente para tratar dos gêneros digitais.

4.1.2 Análise quanto ao tratamento da cultura e da variedade linguística em cada coleção Coleção Tecendo Linguagens – 7º ano

A coleção Tecendo Linguagens se apresenta com o propósito de contribuir para a construção de uma relação pedagógica menos burocrática, mais humanizada, politizada, alegre e comprometida com os interesses e necessidades de professores e alunos. Cada volume é dividido em quatro unidades, organizadas em torno de uma temática central que faz a tessitura entre capítulos e seções.

O livro é pouco atrativo do ponto de vista de *design* gráfico, são poucas ilustrações e fotos, em tamanho muito pequeno e baixa qualidade gráfica, com muitos textos escritos em letra pequena. Os textos são variados e, neste volume, apresentaram apenas o congado, e o combate ao racismo e outras práticas de preconceito, mas sem um trabalho aprofundado, que exigira debate, pesquisa, reflexão. A análise do livro indica que o tratamento sobre a diversidade cultural, nesta coleção, pode ser considerada superficial e pobre. Apenas em um capítulo se abordou a cultura digital das novas tecnologias, com atividade sobre mensagens instantâneas e uso de *emoticons*, também de maneira superficial, mas sem um debate e sem maiores propostas de ampliar o conhecimento.

Também não há propostas de sequência didáticas no livro, que tem sua importância explicada por Cano:

Para poder se aproximar mais das práticas autênticas em que se usam os gêneros do discurso, é necessária uma sequência didática determinada em relação a essas práticas. Isso implica dizer que o livro didático precisa ter como tema das unidades o estudo das práticas e nenhum outro, por exemplo: discurso jornalístico, discurso publicitário, discurso burocrático, discurso escolar, discurso literário, etc. E, ao inserir esses discursos, propor a leitura e produção de gêneros que neles circulam (CANO, 2006, p.95-96).

A coleção dedica uma seção ao eixo da oralidade, intitulada “Na Trilha da Oralidade”. Além do conhecimento das características gerais dos gêneros orais e sua produção; há também um estudo das características estruturais e linguísticas do texto falado, que representa um dos exercícios principais da retextualização. Porém, são poucas atividades orais, sendo detectadas neste volume: uma atividade para relatar sentimentos ante a apreciação de obras de arte; produção de *podcast*¹ sobre *fake news* (notícias falsas); narração radiofônica de jogo de futebol em podcast e encenação de teatro. As atividades não são variadas, e o volume analisado privilegia as produções escritas.

Quanto às variações linguísticas, o livro se volta quase que exclusivamente para a norma padrão, fato este também observado por Sousa Filho e Moura em seu estudo sobre esta coleção:

(...) não houve inovação em relação à forma como o tema variação linguística foi tratado no livro didático PNLD

¹ PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assinem os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor (BARROS, Gílian C.; MENTA, Eziquiel. Podcast: **produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã**. Revista Eptic, v. 9, n. 1, 2011, p. 2)

2020 analisado, embora este tenha sido cancelado pela própria BNCC vigente, tal como também ocorria enquanto vigorava os PCNS. Sob um olhar mais geral, o que se tem visto desde a implementação dos parâmetros curriculares nacionais até a atual resolução é, muitas vezes, uma dissonância entre as teorias inovadoras/transformadoras desses textos e a aplicabilidade deles em muitos manuais didáticos (SOUSA FILHO; MOURA, 2020, p. 88).

A análise da coleção realizada por Souza, também confirma os comentários anteriores:

(...) há apenas informações que sugerem, sem qualquer menção direta, alguma relação dos conteúdos estudados com processos de variação linguística, ficando, portanto, exclusivamente a critério do professor trazer -ou não - explicações complementares que conduzam os estudantes à identificação da variação linguística em vários aspectos da língua, ao reconhecimento de que as formas variantes que se afastam do padrão normativo também são formas legítimas de uso da língua e à valorização da diversidade linguística brasileira como um patrimônio cultural (SOUZA, 2020).

Coleção Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem – 8º ano

A coleção apresenta o cuidado na seleção dos textos literários, como dos demais apresentados, de observar a multiplicidade de culturas, como prevê o conceito de multiletramentos. Os autores foram escolhidos de modo a diversificar; são autores e autoras de várias regiões do país; textos com diferentes graus de formalidade e diferentes expectativas de interação autor-leitor; produções canônicas ou não.

A interdisciplinaridade foi contemplada na seção intitulada “Investigue em (cita o componente curricular)”, sempre acompanhada por orientações. Todas as unidades possuem como abertura e

fechamento a seção “Minha Canção”. No volume analisado, foram apresentadas canções da Música Popular Brasileira, rap, embolada e samba.

O tratamento sobre a cultura foi bem elaborado. O livro traz trechos de entrevistas com Mc Soffia (cantora de rap) e Malala (ativista), uma análise sobre o futuro do Hip-Hop, proposta de criação de um festival de dança na escola, análise de cenas de filmes (Interestelar, de Christopher Nollan, e A Invenção de Hugo Cabret, de Martin Scorsese), proposta de pesquisa e exposição de uma curadoria de arte, bate-papo sobre cinema – curta metragem e sobre a coreografia “Beco” (2015) do repertório da Tf Style Cia de Dança.

Também apresenta textos variados com assuntos que abordam temas culturais, não só do Brasil como de outros países. A cultura afro foi apresentada no capítulo 2, que trata também sobre rap e hip-hop, com imagens, informações e reflexões sobre a mesma, abordando o racismo e, ainda, as lutas feministas.

Conforme exposto, além dos aspectos da pluralidade cultural, apresentada sob as formas da cultura popular e canônica, o livro aborda a variedade linguística presente nos estilos musicais, como o rap, hip-hop, samba e embolada. Os textos da BNCC dialogam com os estudos que defendem a importância dos multiletramentos, conceito que envolve a consideração das multisseioses e da diversidade cultural:

Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 68).

O volume analisado também propõe atividades que focam a oralidade, como apresentação de reportagem filmagem, e debate regrado, além de propostas de transposição de um gênero textual para outro: reportagem multimidiática em reportagem escrita, e criar spots a partir de artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Coleção Geração Alpha Língua Portuguesa – 7º ano

A apresentação do livro pontua seu compromisso com as habilidades e propostas da BNCC, explicando que articula o campo de atuação, práticas de linguagem, objetos de conhecimento e respectivas habilidades. O livro propõe atividades a partir de leituras variadas, inclusive multimodais.

Todos os capítulos, sendo oito no total, partem de um texto de leitura para o trabalho desenvolvido nas seções. Os títulos dos capítulos são de acordo com o gênero estudado: conto e texto dramático, mito e lenda, crônica, reportagem, texto expositivo e infográfico, poema narrativo e cordel, carta ao leitor e carta de reclamação, e artigo de opinião. Ao final do volume, a seção “Interação” propõe dois projetos de longa duração: clube de leitura e jornal comunitário online.

A diversidade cultural está presente em atividades que propõem análises de quadros, peças teatrais, e variados textos. No capítulo que aborda mitos e lendas, fala sobre as tradições do universo mitológico da Índia, do Brasil e da Grécia, abordando também a cultura indígena e africana. Todo o capítulo, além das informações, propõe atividades de reflexão e pesquisa.

A variação Linguística é tratada de forma direta, abrangente e adequada. Por exemplo, no box informativo, que é uma seção à parte,

um recurso para ampliar o conhecimento que o aluno está tendo no capítulo, intitulado “Etc e Tal”, há uma interessante reflexão sobre a língua como flexível, dinâmica, em construção constante, com o título “A gente muda, a língua também”. No texto são apresentadas expressões e palavras que caíram em desuso, com a proposta de pesquisa pelos alunos para que busquem outras que não foram citadas no texto (COSTA; NOGUEIRA; MARCHETTI, 2018, p. 217).

Tal constatação também foi observada por Rocha que analisou os quatro volumes da coleção:

A Coleção Geração Alpha de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, anos finais, trata da Variação Linguística de forma direta, não só como “conteúdo de estudo”, em dois capítulos diferentes, no livro destinado ao 6º ano, mas como “objeto de conhecimento” por 51 vezes no decorrer dos quatro livros. Além disso, a questão da variação aparece, de forma indireta, em outros momentos como nas discussões sobre estrangeirismos na língua portuguesa, sobre registro formal e informal (livro do 9º ano), sobre variedade situacional e sobre registro adequado à situação discursiva (livro do 6º ano) (ROCHA, 2020).

Coleção Apoema Português – 7º ano

A coleção APOEMA se subdivide em oito unidades cada obra, com dois capítulos que partem de um texto principal. Apresenta textos diversificados que objetivam aproximar o aluno dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais valorizados no currículo da educação escolar, e interligados à vivência do mesmo. Chama a atenção o título da coleção, palavra de origem tupi que significa “aquele que vê

mais longe”. Um bom início para promover a valorização da cultura indígena, já aproximando os alunos da diversidade cultural.

As atividades se organizam partindo de práticas de linguagem de leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica, relacionadas aos diferentes campos de atuação, apresentando uma proposta didático-metodológica que objetiva concretizar, através de atividades, sequências didáticas e projetos pedagógicos, algumas das principais orientações teóricas que norteiam o ensino de Língua Portuguesa, segundo a BNCC (BRASIL, 2017).

O volume analisado traz como abertura de cada capítulo uma imagem de impacto, acompanhada por questões que fomentam a reflexão e o debate, a seção “Antever”, que demonstra o cuidado em apresentar as diversas culturas presentes na sociedade. A unidade 1 traz um trabalho de grafite; a 2, segue com a imagem de uma redação de jornal; na 3, história em quadrinho; a 4, um ambiente de sala de aula; a 5, a imagem de um griô (contador de histórias da cultura Africana) contando história para crianças em torno de uma fogueira; a 6, um *folder* de propaganda do carnaval em Pernambuco; a 7, uma pintura em óleo sobre tela de Mirô (O carnaval do Arlequin); e a última unidade, uma cena do filme “A invenção de Hugo Cabret”, de Martin Scorsese.

Vale apontar que, de acordo com Chicarino (2017), a diversidade cultural não pode ser vista apenas como diferenciação, mas em situações concretas e precisa estar contextualizada, pois o sentido histórico das diferenças redefine seu próprio significado simbólico. O livro, além das imagens, traz informações a respeito da diversidade cultural, textos, músicas, sempre problematizando sobre as relações desiguais e de poder.

Estas imagens representam variadas culturas, além de demonstrarem a valorização de variadas formas de comunicação, como a linguagem não-verbal. Dentro de cada capítulo, após a abertura do tema com a imagem, as unidades contam ainda com seções móveis e facultativas de caráter transversal na relação com outros campos do saber.

Percebe-se que esta coleção valoriza e incentiva o trabalho com a multiculturalidade, sob um enfoque intercultural. Em cada unidade, além de variados gêneros textuais, há uma seção chamada “Oralidade em Foco”, que traz atividades que ampliam as possibilidades de interlocução dos alunos, conscientizando-os das diversas situações de uso da língua, em contextos discursivos diversos. Foram trabalhados neste volume: o relato, o debate regrado, entrevista, assembleia, contação de história, sarau de poesias e o debate público regrado.

Aqui se ressaltam as contribuições dos estudos da Sociolinguística que, segundo Martins e Guimarães (*apud* CANO, 2018), demonstra que as formas de falar e as variedades linguísticas são dotadas de regras; são ordenadas e não caóticas. O trabalho com a oralidade presente nesta coleção faz com que o aluno possa experimentar e aprimorar as variedades, de acordo com o contexto em que se realiza, além de trabalhar habilidades como a expressão corporal ao falar, a necessidade de saber esperar sua vez, ouvir e respeitar as demais opiniões.

Quanto ao estilo de linguagem, tanto a fala quanto a escrita apresentam formas padrão e não-padrão, ou linguagem formal e informal. O aluno, a partir destas atividades, poderá perceber as variedades linguísticas, que são trabalhadas na escrita, também na oralidade (Martins e Guimarães *apud* CANO, 2018).

Coleção Português: conexão e uso – 6º ano

O livro apresenta temas contemporâneos, como direitos do consumidor e declaração universal dos direitos da criança, extinção de animais, tecnologia assistiva (LIBRAS), produção literária dos povos africanos, combate ao *bullying*, reflexões sobre problemas da comunidade local, união familiar, ansiedade, a viagem de Marco Polo. Traz propostas de ação voluntária e ainda aborda a cultura digital. Os textos são diversificados e as atividades buscam enfatizar a relação entre o leitor e o texto, que são sociais, históricas e mediadas pelos mesmos. Também contempla o trabalho com a leitura literária e artística.

Na seção “A língua não é sempre a mesma”, presente em cada unidade, aborda a variação linguística, pelos enfoques geográfico, sociocultural e individual. Também apresenta a seção “Oralidade” com atividades para desenvolver fluência, expressividade e entonação na fala.

O livro analisado atende aos parâmetros orientados na BNCC, mesmo sabendo-se que toda proposta presente no material didático irá passar pela análise do professor na sala de aula, refletindo sobre sua prática já instituída no tempo de profissão, nas representações que revelam sobre seu papel docente, pela maneira que irá articular todos os elementos disponíveis na construção de sua identidade profissional. Conforme Sousa Filho e Moura:

Por sua complexidade, haverá sempre a refração de uma teoria ou de uma prática didática, pois se trata de áreas do conhecimento, envolvendo sujeitos sociais cambiantes e teorias político-acadêmicas mutáveis. Em razão de haver muitos estados, muitos municípios e secretarias de

educação, as vontades conseqüentemente são diversificadas, por vezes, baseadas em experiências obsoletas e resistentes a mudanças ou quem sabe fundadas em convicções próprias. Não se pode desconhecer que os aparelhos ideológicos do estado, como a escola, são gerenciados por pessoas que nem sempre refletem em seu fazer pedagógico o que os currículos, projetos pedagógicos e políticas educacionais propõem que seja feito originalmente (SOUSA FILHO; MOURA, 2020, p. 77-78).

Coleção Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem – 8º ano

A pluralidade cultural é abordada por meio de textos variados, imagens, reflexões e debates. Na unidade 2, “Retratos da Adolescência”, traz para reflexão os textos: “Adolescentes e jovens indígenas identificam e apresentam soluções para os problemas e desafios de suas etnias” (UNICEF) (BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 74) e “Quilombolas – resistência renovada”, de Bárbara Pansardi (BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 77). A unidade 4, “Preconceitos e desigualdades”, possui rico material e atividades muito interessantes sobre etnocentrismo e relativismo cultural, preconceitos contra imigrantes e estereótipos.

O livro apresenta apenas um registro, em forma de gráfico, sobre as variedades linguísticas no anexo (BALTHASAR; GOULART, 2018, p. 238).

É uma falha bastante séria, já que a BNCC deixa clara a orientação de se trabalhar as variedades linguísticas em toda a educação básica. Conforme explicam Sousa Filho e Moura:

Em sua essência, percebe-se que o documento priorizou a necessidade de se observar e valorizar a diversidade sob todos os aspectos que estão presentes na vida desses estudantes. Se assim não fosse, estar-se-ia fomentando no espaço escolar uma violência simbólica de toda ordem (SOUSA FILHO; MOURA, 2020, p.76).

4.1.3 Análise do impacto da cultura e da variação linguística nos livros didáticos

Os livros didáticos não devem privilegiar uma variedade em detrimento de outra, nem determinada cultura como sendo melhor, fato este que contribui para manter o preconceito e desrespeito a determinados segmentos da sociedade. A metodologia de ensino de Língua Portuguesa deve se pontuar pelo variacionismo, pela diversidade, apresentando aos alunos as diversas possibilidades de comunicação, que dependem de fatores variados, da situação comunicacional e do contexto social.

Tal abordagem irá possibilitar que os alunos não se sintam inferiorizados com a variedade linguística que praticam, nem com a cultura de seu grupo social. Dessa forma, tanto a variação linguística como a diversidade cultural se tornam inerentes a toda e qualquer língua viva do mundo, conforme o tempo, o espaço geográfico e social, e também de acordo com a situação em que o falante se encontra. É um fenômeno universal, contínuo, gradual e dinâmico, que sinaliza a existência de formas linguísticas denominadas variantes, cujo emprego pelas comunidades falantes não é aleatório, mas influenciado por um grupo de fatores de natureza social ou estrutural, de natureza externa ou interna à língua, e que podem exercer pressão sobre os usos,

aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Tal conhecimento pode contribuir para o combate aos preconceitos, demonstrando que todas as variações estão carregadas da cultura e da história de um povo.

Analisar o tratamento conferido à variação linguística e à variedade cultural nos livros didáticos demonstra que as variantes não têm, elas mesmas, um valor. Elas adquirem valor social pela associação que se faz entre elas e seus usuários, entre elas e as situações sociais em que são empregadas, sobre as quais há um conjunto de expectativas. Estas variantes entram em competição, ao longo do tempo, algumas acabam por prevalecer enquanto outras tendem a desaparecer. Daí a importância de constantes estudos e reflexões por parte dos professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo verificar o tratamento da variação linguística e de temas da cultura nos livros didáticos de Língua Portuguesa usados no Ensino Fundamental, anos finais. Foram analisados exemplares dos livros selecionados pelo *Guia do Livro Didático* (2020) e a Base Nacional Curricular Comum (2018).

A análise, de cunho exploratório e descritivo, proporcionou concluir-se que nem todos os livros didáticos apresentados atendem aos requisitos concernentes à variação linguística e à diversidade cultural propostos na BNCC.

Os livros didáticos foram lidos, analisados e comparados. De todas as coleções analisadas, a coleção Tecendo Linguagens foi a que mais apresentou problemas quanto ao tema analisado. O livro se volta quase que exclusivamente para a norma padrão e os temas da cultura são pouco abordados.

As coleções que mais trouxeram textos e atividades sobre a diversidade cultural e a variação linguística foram “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, e “Apoema”.

Pontua-se que cabe aos docentes adequarem o material disponibilizado nos livros didáticos para a realidade linguística em que vivem, ou seja, devem ter a autonomia de acrescentar, subtrair, adaptar as atividades propostas nos livros. Muitos assuntos não abordados podem e devem ser debatidos nas aulas, como questões de preconceito, multilinguismo, cultura local, dentre outros.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & plural**: leitura, produção e estudos de linguagem, 8º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Lei nº 9.394/96: **lei de diretrizes e bases da educação**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf). Acesso em: Out de 2020.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação escola e Cultura(s)**: construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação, 2003.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira Cano (coord. e org). **Língua Portuguesa**: Sujeito, Leitura e produção. São Paulo: *Blucher*, 2018.

_____. **O Tratamento dado aos gêneros do discursos jornalístico em livros didáticos de Língua Portuguesa**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, 2006.

CHICARINO, Tathiana (org). **Diversidade cultural**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. **A importância do conhecimento da variação linguística**. Educ. rev., Curitiba, n. 12, p. 51-60, Dec. 1996. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em nov de 2020.

COSTA, Cibele Lopresti; NOGUEIRA, Everaldo; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental, anos finais, 7º ano.** São Paulo: Edições SM, 2018.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. **Português: conexão e uso, 6º ano.** São Paulo: Saraiva, 2008

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** (UNESCO, MEC) Cortez Editora, São Paulo: 1999.

FARIA, A. L. G. **Ideologia no livro didático.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FRANCHI, E. P. (1988). **Pedagogia da Alfabetização: da oralidade à escrita.** São Paulo: Cortez, 1988.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade cultural como prática na educação.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

GÉRARD, F.-M, ROEGIERS, X. (1993)- **Concevoir et évaluer des manuels scolaires. Bruxelles. De Boeck-Wesmail** (tradução Portuguesa de Júlia Ferreira e de Helena Peralta, Porto: 1998). Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/RSE/1994/v20/n2/031725ar.pdf>> acesso em out. 2020.

LAJOLO, M. **Livro didático: um (quase) manual de usuário.** Em Aberto, Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996.

LOPES, A.C. **Currículo e Epistemologia.** Ijuí: Unijuí, 2007.

MOLICCA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: um tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania.** Palestra proferida, n. 1º, 2003.

OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida de Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa**, 7º ano. 5.ed. São Paulo: IBEP, 2018

ORMUNDO. Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**, 8º ano. São Paulo: Moderna, 2018.

PALMA, Dieli V.; CANO, Márcio R. O. **A reflexão e a prática no ensino de Língua Portuguesa**. CANO, Márcio R. O. (Coord.). São Paulo: Blucher, 2012.

PNLD. **Guia digital de livros didáticos 2020**. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020/inicio>. Acesso em nov de 2020.

RANGEL, Egon de Oliveira. Livro Didático de Língua Portuguesa para a Educação Básica: problemas e perspectivas. In: BUNZEN, Clécio (org.) **Livro didático de Português: políticas, produção e ensino**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020.

ROCHA, Patícia Graciela. **A variação linguística nos livros didáticos de Língua Portuguesa da Geração Alpha**. Web-Revista SOCIODIALETO–NUPESD/ LALIMU, v. 11, nº 31, jun 2020.

SANTOS, J. C. F. dos. **Aprendizagem Significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

SILVA, Rafael Moreira. **Textos didáticos: crítica e expectativa**. São Paulo: Alínea. 2000.

SOUSA FILHO, Sinval Martins de; MOURA, Luana Medeiros de. **Propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de livros didáticos para o ensino da variação linguística no Ensino Fundamental Anos Finais**. Artigo J Business Techn. 2020

SOUZA, Jurgen Alves de. **A variação linguística no livro didático: entre a invisibilidade e o tratamento adequado**. Web-Revista SOCIODIALETO–NUPESD/ LALIMU, v. 11, nº 31, jun 2020.

TEIXEIRA, Lucia; SOUSA, Silvia Maria; PATTRESI, Nadja. **Apoema – português**. 7º ano. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

TONI, M, P; FICAGNA, N, C. **Livro didático: deve ser adotado?**
Disponível em:
<<http://ensino.univates.br/~4iberoamericano/trabalhos/trabalho161.pdf>
f.>. Acesso em: out. 2020.

NÚÑEZ, I. B. et al. **A seleção dos livros didáticos:** um saber necessário
ao
professor. OEI- Revista Iberoamericana de Educación, (ISSN: 1681-
5653), 200. Disponível em:
<<http://www.rieoei.org/deloslectores/427Beltran.pdf>>. Acesso em: out.
de 2020.